

TÍTULO: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA.

AUTOR: Gilberto Corrêa Palacios Moyano

Instituição: Prefeitura Municipal de Praia Grande/SP

Vinculação: Mestrando do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) - Polo UFSCar

Contato: gilbertomoyano@estudante.ufscar.br

COAUTOR: Osmar Moreira de Souza Júnior

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Vinculação: Docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da UFSCar

Contato: osmar@ufscar.br

RESUMO:

O presente trabalho apresenta uma narrativa autobiográfica acerca da minha trajetória como um professor que possui deficiência visual na educação pública e no ensino superior, destacando vivências pessoais, desafios enfrentados e conquistas pedagógicas enquanto docente da disciplina de Educação Física. O objetivo central é refletir sobre o lugar da pessoa com deficiência no espaço universitário e escolar, tomando como base uma experiência concreta que

articula acessibilidade, formação docente e resistência cotidiana. A partir de um percurso escolar fragmentado, marcado por evasão e falta de apoio pedagógico na infância, a minha trajetória ganha novo sentido com o meu ingresso no Telecurso 2000 e, posteriormente, na licenciatura em Educação Física. A vivência como praticante e professor de artes marciais foi um fator central para o desenvolvimento da autonomia e autoestima. O ingresso como professor efetivo na rede municipal de Praia Grande, em 2022, representou para mim um marco de inclusão e superação. As primeiras experiências na escola foram desafiadoras, exigindo adaptações espaciais, rotinas de trabalho diferenciadas e mediação pedagógica constante. O suporte da equipe escolar, aliado à escuta ativa dos alunos e às práticas cooperativas, evidenciaram o potencial da Educação Física como espaço de vivência cidadã, respeito às diferenças e formação republicana. Este relato busca contribuir com as discussões sobre inclusão, acessibilidade e permanência de pessoas com deficiência na docência e na vida universitária.

Palavras-chave: narrativa autobiográfica; inclusão; deficiência visual; educação física escolar; docência.

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO:

Este trabalho surge da necessidade de registrar, refletir e compartilhar uma experiência singular de atuação docente pela deficiência visual, em especial no campo da Educação Física escolar. Numa perspectiva de pesquisa autobiográfica do primeiro autor deste texto sob orientação do segundo, adoto uma narrativa em primeira pessoa do singular. Minha trajetória de vida e profissional revela tensões, resistências e conquistas que expressam tanto a potência quanto os limites da inclusão educacional no Brasil. Partindo da

infância marcada pela exclusão escolar, passando pelo ingresso tardio na educação formal, pela prática autônoma das artes marciais e pela graduação em Educação Física, o meu relato se debruça sobre a inserção profissional e o cotidiano docente em uma escola pública do município de Praia Grande (SP). Assim como Paulo Freire (2020) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, acredito que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão, neste sentido minha experiência ganha contornos ainda mais significativos ao ser atravessada pelo ingresso e processo de formação no mestrado profissional em rede nacional, o ProEF, no polo da UFSCar, depois de duas tentativas e muito esforço consegui ingressar em 2025.

REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS:

O texto adota como abordagem metodológica a narrativa autobiográfica (Delory-Momberger, 2008; Josso, 2010), que valoriza o sujeito como protagonista da sua formação, ressignificando suas experiências em uma dimensão educativa. A escrita de si permite compreender os sentidos atribuídos à própria trajetória, bem como refletir sobre os espaços e tempos da inclusão, da formação e do trabalho docente de pessoas com deficiência. Além disso, os referenciais de Saviani (2008), Neira (2018) e Gonzalez (2021) subsidiam a reflexão sobre a Educação Física no contexto da escola democrática e republicana.

DESENVOLVIMENTO E REFLEXÕES:

A narrativa destaca a educação como direito e como condição de formação humana. Minha deficiência visual é quase total. enxergo apenas uma pequena percepção de luz, o que não é suficiente para me orientar visualmente no dia a dia. Tenho nistagmo, que é um movimento involuntário dos olhos, dificultando ainda mais o foco visual. Na infância, essa limitação foi

acompanhada de uma ausência significativa de apoio escolar. Frequentei brevemente a educação infantil por volta dos cinco anos, mas não consegui me adaptar. Desde os primeiros anos escolares, enfrentei barreiras estruturais e simbólicas, como a falta de professores capacitados, ausência de políticas de inclusão, preconceito velado e um tipo de educação que Paulo Freire (2020) denomina de ensino bancário. Segundo o autor, no ensino bancário a educação se transforma em um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Na década de 1980, pouco se falava em inclusão escolar, e minha mãe, sem o respaldo necessário, acabou interrompendo meus estudos.

Voltei à escola somente em 1994, aos 12 anos, quando fui alfabetizado numa escola de apoio em Bragança Paulista minha cidade natal. Estudei ali por quase dois anos, até que minha professora, que era o único suporte especializado, deixou a cidade porque a prefeitura não renovou seu contrato. Fiquei, novamente, sem acesso à educação formal. A ausência de políticas públicas inclusivas e a instabilidade no atendimento educacional contribuíram para um novo afastamento da escola.

Somente em 2001, aos 19 anos, retomei os estudos, dessa vez através do Telecurso 2000, que era uma modalidade parecida com a atual EJA (Educação de Jovens e Adultos). As aulas eram baseadas em videoaulas e eliminação de matérias. Com esse modelo, consegui concluir o ensino fundamental e médio em três anos. Foi um formato que me ajudou muito, pois me permitia acompanhar os estudos pelas videoaulas, com mais autonomia.

Após esse ciclo, fiquei um período afastado novamente até ingressar na universidade em 2012, aos 30 anos. Escolhi o curso de licenciatura em Educação Física. Foi mais um desafio para mim. O polo do Claretiano ficava no bairro de Santa Cecília, em São Paulo, e as aulas presenciais aconteciam, em geral, aos sábados. Para ir sozinho de Praia Grande até São Paulo, eu precisava sair muito cedo e solicitar auxílio em cada etapa do trajeto.

Outro grande desafio foi a acessibilidade do site da universidade, pois por mais que eu me adaptasse, a estrutura mudava todos os anos e eu voltava à estaca zero.

Em 2015, infelizmente precisei trancar o curso. Eu havia combinado com um colega de realizar o TCC em dupla, mas ele mudou de ideia pouco antes do prazo; isso me desorientou, e só consegui retomar e concluir a licenciatura em 2019.

A escolha pela docência veio como resultado de um processo que começou bem antes, na prática esportiva. Desde a infância, sempre me senti atraído pelas artes marciais. Foi apenas com os meus treze anos, depois de muita insistência, consegui que minha mãe me deixasse praticar o Jiu-Jitsu, e seis meses depois em conjunto o Judô.

Foi mais um grande desafio em minha vida, pois ao mesmo tempo que tinha uma vontade imensa de praticar uma arte marcial, é claro que havia o medo de como iria me sair naquela situação, como as pessoas iriam me receber, e como eu me adaptaria à atividade sem enxergar, ou melhor se haveria mesmo como me adaptar. Com muita insistência e perseverança, consegui em 2008 me tornar a primeira pessoa cega a ser diplomada faixa preta de Jiu-Jitsu do mundo. Em 2010, já em Praia Grande, abri minha própria academia. Em 2019, comecei a lecionar no SESI na cidade vizinha de Cubatão e no Instituto Neymar Jr., onde dava aulas de Jiu-Jitsu e Judô respectivamente para crianças.

Em 2020, prestei concurso público para professor de Educação Física na rede municipal e fui aprovado. A pandemia adiou minha nomeação, mas em 2022 finalmente fui convocado. Foi uma experiência nova sair do ambiente das artes marciais – onde os alunos estão ali por escolha, num espaço delimitado – para o espaço escolar, que é mais dinâmico, diverso e cheio de desafios.

A vivência como atleta e professor de artes marciais preparou-me o terreno para a atuação na escola. Ao chegar à escola, fui bem recebido pela

equipe, direção e colegas. Sabia que nem tudo seria perfeito, mas só o fato de não enfrentar barreiras explícitas já era uma vitória. O início foi difícil por vários motivos: desconhecimento das rotinas escolares, da burocracia, da documentação e da dinâmica da Educação Física escolar.

Ao tornar-me professor efetivo na rede municipal em 2022, com uma carga de vinte aulas semanais em dez salas com média de 30 alunos, de 1º a 5º ano do ensino fundamental (crianças com idade que varia entre seis e doze anos) enfrentei dificuldades como o desconhecimento das rotinas escolares e a necessidade de criar adaptações para garantir a minha autonomia na sala de aula. Ainda bem que, na época, a prefeitura contava com um assistente técnico pedagógico específico para a disciplina. Ele me ajudou muito nos primeiros dias, oferecendo dicas práticas de organização e orientação do espaço da quadra.

A criação de rotinas, a solicitação de apoio de um auxiliar e a abertura ao diálogo com os alunos foram fundamentais. A aceitação dos alunos também me surpreendeu positivamente. No primeiro contato, me apresentei e falei abertamente sobre minha deficiência visual. As crianças fizeram poucas perguntas, mas demonstraram interesse genuíno e respeito. Como sempre digo: lidar com crianças é mais fácil do que com adultos. Elas são diretas e abertas, livres de preconceitos estruturais.

Para organizar as aulas e me localizar na quadra, criei uma série de rotinas. Escolho dois ajudantes por dia – um para cada fila. Os alunos adoram essa responsabilidade. Na quadra, estabeleci referências fixas, como o alinhamento nas linhas laterais, para que eu possa ter noção espacial. Durante as atividades, se percebo bagunça ou quebra de ritmo, paro a aula e converso com eles. Durante quase três meses estive sozinho. Com insistência, consegui um ajudante readaptado, que havia sido transferido de outra escola. Com a presença dele, consegui ampliar as atividades e investir em brincadeiras mais dinâmicas. Antes disso, eu limitava as aulas a jogos mais controlados, como estafetas e brincadeiras em roda, para garantir segurança.

O maior desafio foi, sem dúvida, o início: adaptar-me ao espaço, entender o ritmo escolar e mapear mentalmente os locais, especialmente a quadra e seus arredores. O receio constante era que os alunos se machucassem – correrem perto de arquibancadas, traves, etc. Com o tempo, fui ganhando confiança e adaptando melhor as atividades.

Minha maior vitória foi ver os alunos interagindo comigo sem barreiras, respeitando minha limitação e, ao mesmo tempo, me reconhecendo como seu educador.

Participei das Mostras Municipais de Educação Física todos os anos, apresentando projetos desenvolvidos nas aulas. Com isso, pude demonstrar que, com apoio e inclusão, um professor com deficiência pode sim realizar um trabalho de qualidade.

Na infância, praticamente não tive aulas de Educação Física. Quando pequeno, tive algum contato com atividades físicas na escola de apoio, mas depois, na EJA, a disciplina era inexistente. Ainda assim, sempre fui apaixonado por esportes. Brincava na rua com amigos e primos sempre que possível, desde que eu conhecesse bem o espaço, para não me machucar.

No ambiente escolar, a convivência com os pares docentes teve altos e baixos. Fui bem acolhido no início, mas, com o tempo, notei certa resistência de alguns colegas. É comum que, num primeiro momento, as pessoas aplaudam a superação, mas, quando percebem que precisam ajustar algo no seu trabalho para ajudar, algumas se retraem. Isso me motivou ainda mais a buscar independência e conhecer todo o espaço escolar sozinho.

A trajetória na escola exigiu mais do que preparo técnico. Exigiu paciência, resiliência e fé no processo educativo. Meus colegas da equipe de apoio, da cozinha, inspetores e outros funcionários sempre me ofereceram ajuda dentro do possível, o que fez muita diferença.

Meu desejo sempre foi provar que é possível, sim, exercer a docência com deficiência, desde que se tenha o mínimo de suporte, respeito e abertura. Os desafios existem, mas as soluções também. É uma luta constante, tanto interna quanto externa. E cada conquista, por menor que pareça, é um passo gigante na direção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

As experiências que relato mostram que a Educação Física, ao articular corpo, movimento, convivência e escuta, pode ser um espaço privilegiado para a formação cidadã, especialmente em uma escola que se pretende inclusiva e republicana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A trajetória descrita é também um posicionamento político, ao afirmar que é possível ensinar, aprender e transformar mesmo diante das limitações e desafios impostos por uma sociedade capacitista. Ao colocar o corpo e a diversidade no centro da prática pedagógica, a Educação Física pode se tornar uma aliada fundamental na construção de uma escola democrática. Ao estabelecer relações dialógicas com os estudantes, superando a educação bancária e validando o protagonismo dos estudantes confiando a eles a com responsabilidade de orientar o professor nas rotinas de aula fazemos viva a afirmação de Paulo Freire (2020) de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Este trabalho pretende ser, também, um convite a outras pessoas com deficiência a ocuparem espaços de formação, trabalho e autoria sobre suas próprias histórias, afinal e contas: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (Freire, 2020).

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à equipe da escola onde atuo, aos professores e colegas do ProEF e à minha família, por todo o apoio durante minha caminhada.

REFERÊNCIAS:

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73 ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GONZALEZ, Fernando. A Educação Física e o compromisso com a formação cidadã. **Revista Movimento**, v. 27, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física escolar**: democracia e conhecimento. São Paulo: Cortez, 2018.

SAVIANI, Dermeval. A natureza e as especificidades da educação. In: SAVIANI, Demerval. **Filosofia da Educação Brasileira**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

EIXO TEMÁTICO PRINCIPAL:

Eixo 2: As várias faces da educação: para além da inclusão

TEMÁTICO SECUNDÁRIO:

Eixo 8 - Deficiência: expressões históricas, identidades, subjetividades, histórias de vida e narrativas de si